

UMA PROPOSTA ETNOGRÁFICA: O UNIVERSO PERFORMATIVO DE HOMENS NEGROS BALIZADORES E MORES DE FANFARRA NA BAHIA

Autor: Vinícius Zacarias (Vinícius Santos da Silva)

Orientador: Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Jr.

vinicius.museu@hotmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Resumo: Este projeto de pesquisa científica, em forma de artigo, tem interesse em descrição etnográfica densa (GEERTZ, 2008) das performances de homens negros balizadores e mores de fanfarra nas celebrações cívicas na Bahia, através de uma perspectiva interseccional (CRENSHAW) explorando de conceitos como “performatividade de gênero” (BUTLER, 2003) e “aparições coloniais” (FANON, 2008). Usaremos como inspirações metodológicas a crescente Antropologia da Performance (SCHECHNER, 1985) e tendo como fio condutor os estudos de masculinidades negras (RIBEIRO & FAUSTINO, 2013) a pesquisa pretende investigar as dinâmicas, conflitos e tensões presentes nas expressões culturais performáticas e subjetividades de homens negros gays na Bahia.

Palavras-chave: Performance, Gênero, Raça, Expressões Culturais, Balizadores.

1. INTRODUÇÃO: Da justificativa, relevância e originalidade do objeto de estudo

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa submetido ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCCS/UFRB), qualificado na disciplina de Metodologia da Pesquisa ministrada pela Profa. Dra. Ângela Figueiredo, e sua introdução apresenta o objeto de pesquisa, sua justifica, relevância e originalidade, descrevendo sobre a potencialidade investigativa e as plasticidades envoltas nas significações expressas pelos conflitos e tensionamentos das performances de homens negros balizadores e mores de fanfarra nos desfiles cívicos na Bahia. Infelizmente, fizeram-se necessário subtrair tais elementos textuais que auxiliariam o leitor a compreender de forma satisfatória a proposta de pesquisa, a fim de adequação do documento as regras de formatação para posterior publicação dos anais.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO: Da formulação de epistemologias, hipóteses e problemas científicos

A escolha do objeto de estudo deriva do interesse de pesquisar as expressões culturais invisibilizadas e marginalizadas envoltas em problemas de gênero, sexualidade e paradigmas raciais. Esta pesquisa usará do método etnográfico, com objetivo de investigar de forma interseccional as dinâmicas sociais derivados das aparições performativas de homens negros balizadores e mores de fanfarra em expressões culturais cívicas na Bahia.

O trabalho qualitativo é constituído pela descrição etnográfica, constituída pela observação sistemática das celebrações cívicas na Bahia e diário de campo (Malinowski, 1935). Além disso, utilizaremos entrevista coletiva para coleta de dados discursivos e *whorksop* para coleta de dados transversais, com compartilhamento de experiências e subjetividades dos sujeitos pesquisados.

Com uso desses recursos metodológicos, a pesquisa inspira-se teoricamente na Antropologia Interpretativa, conforme aponta Geertz

O antropólogo deve descrever seu objeto de estudo em suas diversas particularidades, levando em conta todos os pequenos fatos que cercam sua vida social. Não bem os fatos em si, mas a ação social desses fatos. Não se busca leis gerais, mas sim significados/significações. A ciência do antropólogo deve ser interpretativa em busca de significados, destacando explicar e interpretar expressões sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p. 4)

O trabalho entende a cultura como teias de significados que o ser social mesmo teceu. Em sua análise, não se deve buscar leis ou regras que definiam a funcionalidade de pensamentos e práticas culturais, mas buscar explicações e significados, sendo possível, através de um esforço intelectual e interpretativo, resultar na “descrição densa” (Geertz, 2008).

Nesse esforço atribuiremos técnicas postas pelos estudos ascendentes da Antropologia da Performance, levando em consideração a efemeridade do objeto de pesquisa, e na tentativa de investigar as dinâmicas sociais envoltas nesse fenômeno, chamando de “universo performativo de balizadores e mores de fanfarra da Bahia”.

Advinda dos estudos sobre ritos de passagem (Van Gennep, 1978), cuja obra traz fortes formulações para a pesquisa, e dos dramas sociais (Turner, 1982), a Antropologia da Performance manifesta-se por diversas correntes, conceitos e expressões de ato performático e novas resignificações, procurando compreender a complexidade das relações cotidianas e drama social

A recente antropologia da performance busca compreender as dimensões de uma nova dinâmica social. Os problemas levantados por essa nova perspectiva focam sua atenção na evidenciação das dicotomias sociais, nas contradições e nas novas formas

de relações, específicas de um mundo fragmentado. Os estudos sobre performances surgem então como um método de pesquisa dessa realidade que em muito nos apresenta como avessa e conflituosa. (DUARTE e MENEZES, 2008, p. 48)

A fim de oferecer etapas de análise e interpretação para o estudo etnográfico, utilizaremos a proposta de exame da sequência total da performance em sete fases distintas (Schechner, 1985): “treinamentos”; oficinas; ensaios; aquecimentos; performance propriamente dita; “esfriamento”; e “desdobramento”. Essas etapas funcionam como um esmiuçado das três fases descritas por Van Genep (separação, transição e incorporação).

Richard Schechner será a principal referência teórica no referente aos Estudos de Performances, pois consegue desenvolver um postulado aplicável ao fenômeno espetacular dos balizadores e mores de fanfarra. O autor parte de definições como “audiência” e “performer” e na compreensão da noção de performance como um movimento *continuum*, ou seja, que transita entre o “rito” e “teatro” e vice-versa (Schechner, 1988, p. 20). Para ele, o que diferencia **ritos** e **teatro** serão a **eficácia** e o **entretenimento**, conseqüentemente.

A eficácia seria, segundo Schechner, a performance capaz de provocar mudanças efetivas na organização social, redefine posições, papéis, status ou soluciona conflitos. Já o entretenimento é a performance de espetáculos cênicos, para o lazer e distração *audiência*, ou seja, o objetivo principal é entreter. Porém, segundo Schechner, essas distinções seriam a consideração objetiva da diferenciação de rito e teatro, acreditando não haver nenhuma performance que seja puramente eficácia ou entretenimento.

Schechner elabora, a partir disso, duas categorias essenciais: **transportação** e **transformação**. A primeira significa que através da performance, independente de qualquer que seja, o *performer* é transportado para outro determinado lugar, transmitir a um novo espaço ou ambiente, que pode ser, inclusive, recriado momentaneamente, “[...] experiência singular de ‘ser levado a algum lugar’, quando num estado de ‘transe’, ou o desafio (psicológico) de tornar-se o ‘outro’ sem deixar de ser a si mesmo” (Da Silva, 2005). A transportação também cabe a *audiência*: enquanto ator social, a platéia é estimulada a experimentar outros papéis como diferente de suas vidas cotidianas “ele poderá se sentir mais ‘livre’ para explorar com ousadia o repertório variado de papéis sociais e, assim, expressar, sem receio, as suas emoções, chorar, gargalhar, agir com irreverência, gritando, assoviando alto, etc” (Da Silva, 2005).

Essa experiência de caráter temporário (transportação) pode elevar ao status permanente de codificação social - transformação, ou seja, a constituição de novos papéis e

status sociais desencadeados pela performance. Há a possibilidade, segundo Schechner, desses movimentos de deslocamentos subjetivos serem tão intensos a ponto dos atores sociais, tanto *performer* e audiência, refletirem sobre os ‘problemas não resolvidos’, ou seja, o despertar de uma consciência crítica sobre si e o mundo. Essas categorias são entendidas no processo de movimentos contínuos (do rito ao teatro – teatro ao rito) – ou seja, performance.

Essa formulação relaciona-se ao que Judith Butler entende enquanto “performantividade de gênero”, ou seja, o ato contínuo e ordinário de legitimação social no espectro de existência válida binária (homem e mulher) dos corpos. Sabemos pela apresentação do objeto que os balizadores e mores desempenham ações corpóreas difusas aos padrões de gênero e estereótipos raciais estabelecidos socioculturalmente, sendo esses os elementos para os possíveis conflitos e tensões, bem como estratégias e ressignificações de ações.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em forma do gênero, essa “ação” é uma ação pública. Essas ações tem dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequência (...). (BUTLER, 2003, p. 200)

A disfunção de gênero e estereótipos raciais são os maiores desafios de análise, devido aos paradigmas dos sujeitos em performances. Dito isso, pois, de fato, a função inicial das balizas de fanfarra eram apenas levar graça e leveza as comemorações cívicas (Cabral, 2012, p. 13), não era, sob hipótese alguma, desempenhada por homens, sobretudo negros, com desempenhos artísticos elevados a transgressão dos comportamentos em expectativa de gênero e raça. Na rua, os balizadores desobedecem as normas de regulação corporal, fazendo de forma artística e ensaiada tudo que não é criado e expectativado para o “homem masculino” e cabível ao estereótipo para um homem negro.

Contudo, no prefácio de *Gender Trouble* de 1999, Butler pondera essas leis corpóreas à instituição contextual pelo qual o corpo é compreendido e culturalmente sustentado na duração temporal (Butler, 1999, p. XV). Nesse sentido, estamos contextualmente voltando o olhar de investigação para as expressões culturais de rua, em performances cívicas na Bahia desempenhada por homens negros: o contexto dinâmico instituído que insere a problemática de investigação é o universo das performances artísticas. Trata-se de performances de subversão corpórea temporária sobre o cosmos da plataforma da arte.

Adendo! Precipitável as orientações sexuais *performers*, mas considerando a

impossibilidade da performatividade de gênero ser analisada em dissociação aos regimes reiterativos, regulatórios e coercitivos do corpo frente à hegemonia sexual e toda insistente negação social envolta, atendo-me a referir e demarcar politicamente os sujeitos pesquisados, inicialmente, a homens negros *gays*.

Esse espectro entre performance, discurso de legitimidade de gênero e regulações sexuais são responsáveis por formar o que considera-se enquanto corpos viáveis, na vida possível a ser vivida. Conseqüentemente, esses corpos também ficam responsáveis pela não-legitimação da categoria de “humano”, que apesar de estarem vivos, não há vida social de reconhecimento. O gênero, em suma reiteração da performatividade, reforça a percepção de legitimidade do sujeito social, porém, paradoxalmente, a desobediência de comportamento do gênero tem condições de valoração através das expressões culturais de rua, funcionando ao modo de reduzir a uma “projeção” ou “aparições” de balizadores e mores negros a meras alegorias performativas ininteligíveis culturalmente. Com isso, lança-se o desafio de compreender e interpretar densamente esse fenômeno social.

Com isso, os questionamentos aparecem evidentes: estaríamos diante da aceitação moderada de androginia? Podem estes corpos perverter normas heterossexuais e, portanto, suspender *temporariamente* estas normas? Que efeitos causam ações corpóreas sobre a rigidez da masculinidade? Estas concessões nos dizem algo sobre a ressignificação das normas? A suspensão da heterossexualidade compulsória pontaria, por meio do espetáculo, chances de ressignificação destes corpos masculinos?

Com os conceitos formulados por Butler e amparados teórico e metodologicamente em Schechner aplicados ao balizadores e mores, nos deparamos com a ideia de *liminaridade* – dada a singularidade e ambigüidade do papel representado - do *performer* no ato prático de seu desempenho na transportação, faz-se com que pensamos na hipótese do sujeito em dinâmica relacional incorpore duas ou mais potências de ser pela aparição da audiência, simultaneamente tornando-se um “não-eu” ou um “não não-eu” (Schechner, 1985).

Tendo o interesse principal a ação dos sujeitos pesquisados no universo das performances cívicas, outro espectro (já razoavelmente colocado até então) determinante compõe impressão intersubjetiva, construto de identidade: o fator racial. Consideramos a percepção apenas do comportamento generificado insuficiente para análise da dinâmica social, já que o fator racial é determinante, junto ao construto ao gênero, na constituição de

aparatos sobre corpos e mentes.

De certa forma, esses pensamentos estão em consonância com o que Butler afirma sobre gênero, pois ele intersecta modalidades de identidades discursivamente construídas - raciais, de classe, étnicas, sexuais e regionais -, o que torna impossível separar gênero de intersecções políticas e culturais, nas quais é produzido e mantido (Butler, 1990, p. 3). Sendo assim, usaremos Frantz Fanon, interpretado em obras de autores dos Estudos de Masculinidade Negras, suscitando o conceito de “aparições coloniais”, e de modo eficaz, interseccionar a percepção de gênero e raça na composição dos balizadores e mores de fanfarra e suas produções culturais e políticas.

A masculinidade do homem negro é posta em questão, já identificando a posição social que tende a ocupar no imaginário colonizado na sociedade, como diz Fanon (2008) “De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro ou pelo menos uma conduta de preto” (Fanon, 2008, p 107). De um homem negro se espera uma performance de modelo masculinizante padrão, o viril, *hipersexual*, com pré disposição nata às práticas sexuais. Quando não apresentadas dessa forma, espera-se posição compassiva e subordinada, “sim do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente” (Fanon, 2008, p 47).

Os balizadores pervertem todo essas *aparições coloniais* durante a *liminaridade* da performance cívica, apropriando do estereótipo de subjugação do negro gay, prática derivada do “essencialismo estratégico” (Spivak, 2010), para contestação política e demarcação identitária de existir no mundo através da arte. Frantz Fanon, esse autor base na formulação do problema de pesquisa, lança mão do estímulo de um conceito significativo, futuramente cunhado pelos estudos de masculinidades negras (Ribeiro e Faustino, 2013), sobre a percepção de corpos negros entendidos para além da performantividade de gênero: aparições coloniais.

Suscitaremos as reflexões profundas nas elaborações psicosociais de Fanon para auxiliar na análise desse fenômeno, pois entendemos que o gênero e suas performatividades são forçosamente determinados pela raça. Os estudos de masculinidades negras nos alerta sobre o problema do homem negro na sociedade contemporânea (Du bous, 1992), tanto pela inalcançável representação da masculinidade hegemônica branca e heterossexual (Connel, 1995), tanto pelas formas com o corpo do homem negro são enunciados, dadas a condições de

não-humanidade, seja pela hipersexualização, animalização e sua posição hierárquica subalterna na operação do patriarcado.

Sobretudo, entender esse aspecto de subalternidade social de homens negros, não com olhares essencialistas que muitas vezes endossam a possível redução analítica dessas vidas – considerando a vida do homem negro apenas no regime da heterossexualidade-, mas que existem outras possibilidades de viver “homen negro”, uma diversidade que perpassa a sexualidade, gênero e performance.

Neste preambular, a “epidermização da inferioridade”, “a cissiparidade” (o comportamento racial duplo), a conduta do negro engraçado, burlesco e estriônico, a menos valia psicológica e emocional, o “embranquecimento alucinatório”, a figura do “abandônico negro”, o “eretismo afetivo” (a aspiração em ser admitido no mundo branco), o ideal de virilidade absoluta, “o negro estrangeiro no mundo ocidental”, o aprisionamento ao “esquema racial epidérmico” e, sinteticamente, ao “sentimento da inexistência”, seria algumas das *aparições* impingidas aos homens negros na diáspora. (RIBEIRO & FAUSTINO, 2003, p. 167)

Com a pretensa de crítica sobre os estudos das masculinidades negras com matriz heterossexual, como “negritude se apresenta como uma extensão da heterossexualidade, da mesma maneira que as sexualidades discordantes parecem exclusivas de pessoas brancas” (Oliveira, 2017, p. 31), suscitaremos a teorização sobre as performances de gênero aderidas a homens negros gays, aliando de forma interseccional as decorrências aos “problemas de gênero” e aos “problemas raciais”, interrelacionando as categoriais e analisando as interferências sobre as aparições/projeções dos homens negros balizadores ou mores de fanfarra nas expressões culturais cívicas na Bahia.

Em segundo lugar, se a própria afirmação do subalterno não prescinde dos atributos oferecidos pelo opressor, a ausência ou a deficiência de algum elemento relacionado ao corpo terá consequências catastróficas para a identidade deste homem. O negro que não conseguir exibir algum dos atributos desta hipervirilidade supermasculina estará traindo/frustando sua raça e masculinidade. Se este homem negro é gay, não sabe dançar, tem o pênis menor do que o exibido exaustivamente na categoria negro dos filmes pornôs (Pinho, 2012), ou simplesmente não corresponde ao esteriótipo supermasculino do negrão, este indivíduo será pior que o nada (FAUSTO NKOSI, 2014, p. 91)

O homem, universalizado na branquitude e heterossexualidade, deve cumprir seus papéis masculinos, porém os balizadores e mores desobedecem as regras sociculturalmente estabelecidos. O homem negro precisa ser mais que um homem, um monstro hiperviril da existência funcional, porém os balizadores e mores desobedecem ao estereótipo colonial.

Contudo, suas performances artísticas transgressoras nos desfiles cívicos são temporariamente valorizadas.

Presume-se que a performance nos desfiles cívicos possa ter o poder material de reverter status sociais, causada as circunstancialidade, para os homens negros balizadores e mores. O mesmo fenômeno social pode ser percebido ao entender as recepções entre o corpo da mulher negra, paradigmaticamente exposta a representação da “empregada doméstica” ao verso da “mulata”, como aponta Lélia Gonzáles

[...] constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no *Aurélio*, a outra função da mucama está entre parênteses. Deve ser ocultada, recalçada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o carnaval. (GONZÁLEZ, 1984, p. 230).

Ao perceber a analogia entre a mulher negra, evidencia-se que o carnaval, bem como o ritual desfile cívico com o homem negro gay, consideramos propício um novo cosmos de mudanças de *status* a indivíduos socialmente marginalizados. Seria o ritual, aliado ao performativo, capaz de anular/perverter a ótica social imposta à hegemonia sobre corpos não-autorizados, mesmo que temporariamente, “entre parênteses”?

Quais os fatores que levam a esse fenômeno? Teria a performance cultural o poder provisório de suspensão ou reinteração de dilemas e conflitos sociais estabelecidos objetivo-subjetivo das noções de raça e gênero? Levando em consideração o caráter de transportação/transformação, em que medida os balizadores podem transformar seu próprio status social em períodos não celebrativos? O espetáculo do homem negro gay baiano interpretado na etnografia das performances por meio de uma descrição densa.

Precisamos suplantar as aparições coloniais que traficam a dicotomização, a parcialidade e a polarização da análise. Precisamos produzir narrativas rigorosas e não auto-indulgentes sobre como nos tornamos homens e negros, e, simultaneamente, pensar sobre nós mesmos como múltiplos, instáveis, multifacetados, conflitivos, tensos, e, certas vezes, paradoxiais e com interesses politicamente contraditórios e díspares. (RIBEIRO & FAUSTINO, 2013. p. 176)

Levando em consideração a centralidade do sujeito e seus marcadores sociais de raça, sexualidade e expressão subversiva de gênero – negros e gays – suas experiências de socialização se tornam imprescindíveis para compreender as significações dessas

performances, conseqüentes por meio das dinâmicas, tensões e conflitos visíveis ao ato. Conforme as observações de “comportamento restaurado”, outro conceito de Schechner, buscaremos problematizar esses influenciadores para “recordar nos gestos, nos movimentos corporais, as experiências guardadas nas profundezas do ‘ser’, internalizadas através de um longo e complexo processo de socialização (Silva, 1999). Ou seja, entender a performance como expressão artística que evocam processos de socialização do *performer*, através da memória, da reflexão de si e do mundo: experiências e trajetórias de jovens homens negros gays da Bahia.

A intersecção está presente na pesquisa para análise do fenômeno social, já que tratamos de categorias de diferenciações que se intercalam. Esse conceito será usado a fim de compreender esses sujeitos em toda sua totalidade, desde a inserção dos sujeitos nas fanfarras até a “pós performance” pública. Levar em consideração essas categorias de subordinação torna essas dinâmicas ainda mais capciosas, e conseguimos vislumbrar diversas posições relacionadas à educação, pobreza, artes, expressões culturais e normatividades sociais, pois a interseccionalidade busca

[...] capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO: Dos instrumentos e reflexões para a pesquisa etnográfica

A posição do pesquisador e suas familiaridades com o objeto de pesquisa é um desafio a ser vencido nas Ciências Sociais. Há quem considere a possibilidade de ocorrer confusão nos resultados de investigação com as opiniões pessoais, resultado da relação familiar do pesquisador com o universo empírico (De Souza Santos, 1989, 42), porém é necessário considerar as motivações subjetivas no processo de produção científica, tendo carga elevada ao princípio do comprometimento político a causas e intervenções sociais. Contudo, haverá cautela ao ponto de isentar o risco dessas condições alterarem ou enviesarem os resultados da pesquisa, como já alerta Boaventura de Souza Santos.

A pesquisa pretende realizar três (3) estudos de campo: um (1) desfile cívico em

cidade com tradição cívica; um (1) eliminatória do Campeonato Baiano de Fanfarras e Bandas Marciais; Etnografia do Desfile Cívico 2 de Julho em Salvador, contendo a preparação do espetáculo, adentrando ao ensaio. Pois na opinião de Schechner (1985, p.36), é durante ensaios e oficinas que ocorrem os momentos mais seguros para se estabelecer o vínculo entre as performances ritual e estético cênico teatral, entre a eficácia da transformação e o entretenimento da transportação.

Em contribuição da coleta de dados e interpretação dos significados que envolvem o universo adentrado durante o trabalho de campo para a etnografia, também aderiremos ao ferramenta do diálogo com os *performers* e comunidade da fanfarra, percepções de campo e registro audiovisuais (fotografias e vídeos), a fim de observar discursos sobre as figuras dos balizadores, mores e suas performances, tentando identificar as dinâmicas, estratégias, conflitos e tensionamentos.

Na hipótese das performances serem desempenhadas como forma de contestação a normas de gênero e estereótipos raciais por meio de um “essencialismo estratégico”, essas intencionalidades não serão explícitos nos discursos dos *performers*, pois elas se evidenciam de formas subjetivas e contextuais.

Em primeiro lugar, porque, se é certo que o senso comum é o modo como os grupos ou classes subordinadas vivem a sua subordinação, não é menos verdade que, como indicam os estudos sobre subculturas, essas vivências, longe de serem meramente acomodaticia, contém sentidos de resistência que, dadas as condições, podem desenvolver-se e transformar-se em armas de luta. (DE SOUZA SANTOS, 1989, p. 41)

Cumprindo o objetivo de compreender as dinâmicas subjetivas do universo social desses *performes*, utilizamos a entrevista coletiva com os balizadores e mores selecionados durante o trabalho de campo, acreditando nelas como “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as pessoas são o meio principal de troca” (Gaskell, 2004, p. 73).

O modelo de entrevista coletiva obedecerá a uma programação previamente esquematizada, contendo atividades corporais, ferramentas lúdicas e interativas para estímulos a produção de criatividade e dinamismo relacional, assemelhando-se a uma entrevista de profundidade. Desse modo, adotaremos o nome de “*off-cena*”, uma oficina cujo objetivo

maior é interpretação sobre as subjetividades dos *performers*, numa proposta que transversaliza e compartilha vivências, corpos, discursos e experiências políticas.

O critério que selecionará os participantes serão estabelecidos pelo pesquisador, em anuência ao orientador, para aqueles que detêm a maior projeção artística na trajetória do ofício do balizador e mor. A atividade contará com dois mediadores que desenvolverão, junto ao pesquisador e orientador, o programa de atividades da “*off-cena*”. Esses mediadores, também partícipes do cenário *queer* periférico no Brasil, contribuiram com suas perspectivas de homens negros que produz arte e cultura em subversão.

A “*off-cena*” será como um texto simbólico a ser lido a procura de uma descrição densa, percebendo o *performer* para além do seu ato performático, mas suas composições no mundo social, interessados em seus pensamentos, expectativas e aspirações de vida: interseccionalizando, de fato, as categorias sociais de análise da pesquisa. Cautelosos sempre nos bons usos dos tópicos guias, no *corpus*, saturação de informação e *status* dos participantes (Garkell, 2004).

Ao finalizar os aportes teóricos e metodológicos, pondero que por meio da observação e análise dos dados, discursos e representações, situar e compreender esses sujeitos e suas performances dentro da dinâmica social ampla e complexa - emaranhada de conflitos e tensionamentos decorrentes das ordens sociais regulatórias – torna esta pesquisa uma potente investigação em um campo ainda quase inexplorado, podendo revelar percepções subjetivas de todo um território frutífero com múltiplas possibilidades sociais de produção da cultura.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____, Judith. *Gender trouble*, 2nd. New York and London: Routledge, 1999.

_____, Judith. *Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge: Chapman & Hall, Inc, 1990.

CABRAL, Lara Cristina. *Linha de Frente das Bandas Marciais em Goiânia – Corpo Coreográfico – Onde Surgiu e Onde Estamos*. Trabalho apresentado para obtenção do título de Pós-graduação Lato Sensu em Pedagogias da Dança II pelo Centro de Estudos Avançados e Formação Integrada (CEAFI/ PUC - GO), 2012.

CONNEL, Raewin. W. *Políticas de Masculinidade*. Revista de Educação e Realidade, v. 20,

n. 2, pp. 185-206, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero*. In: (Revista ou Anais), 2002, p. 171-188.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 1989.

DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil e **MENEZES**, Celso Vianna Bezerra de. *"Antropologia da Performance: a liminaridade e as contradições do social."* movimento 2005 (1974): 2008.

DU BOIS, W.E.B. (Willian Eduard Burghardt). *As almas da Gente Negra*; tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda ED, [1902] 1999.

FANON, Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Salvador. EDUFBA. 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo*. In: BLAY, Eva A. (org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104, 2014.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A Interpretação das Culturas*. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Ciências sociais hoje, v. 2, p. 223-244, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Coral Gardens and their magic*. Londres: George Allen & Unwin, 1935.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Curitiba, 2017. 190f. Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2017.

PINHO, Osmundo. *Race Fucker: representações raciais na pornografia gay*. Cadernos Pagu n. 38, p.159-195, 2012.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes e **FAUSTINO**, Deivison Mendes. *Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos Sobre Masculinidades Negras na Diáspora*. In: *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, nº 10, 2017.

SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.

_____, Richard. *Performance theory*. New York: Routledge, 1988.

SILVA, Rubens Alves da. *Performances congadeiras e atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG, 2010.

TURNER, Victor. *From ritual to Theatre*. New York: PAJ Publications, 1982.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.